

## Quadrinhos como ferramenta de debate social, representatividade e ativismo<sup>1</sup>

Suzana Rosa Ataíde da CONCEIÇÃO<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

### RESUMO

A pesquisa propõe uma reflexão sobre como as histórias em quadrinhos, enquanto linguagem imagética acessível e democrática podem trazer discussões como racismo e gênero em prol de uma conscientização social. Busca-se também apresentar os quadrinhos como uma ferramenta que possibilita o compartilhamento de ideias e experiências ativistas. Para a construção deste estudo desenvolve-se uma contextualização histórica sobre as primeiras manifestações das HQs. E utiliza-se a pesquisa bibliográfica e os trabalhos pioneiros de Jackie Ormes, com o projeto “Torchy Brown”, (1937-1954) e as caricaturas de Nair de Teffé (1906-1913). Jackie foi a primeira quadrinista negra, através de seus projetos identifica-se reflexões sobre racismo, gênero, política e representatividade. E Nair de Teffé foi a primeira caricaturista mulher do mundo, utilizava da sátira para expor a ostentação dos ricos, políticos e militares.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ativismo; Gênero; História dos Quadrinhos; Pioneirismo; Racismo.

### 1. INTRODUÇÃO

A linguagem imagética, enquanto ferramenta acessível para debater todos os tipos de questões, pode trazer diferentes compartilhamentos de ideias, opiniões e conhecimento nas mais diversas áreas. Assim sendo, ela também se presta a ser meio de ativismo social. Em alguns projetos em quadrinhos, a linguagem imagética pode auxiliar muito na conscientização sobre a estrutura social a que pertencemos, os estereótipos e transformações necessárias. Pensando por esse viés, este estudo busca entender o ativismo social dentro da linguagem imagética dos quadrinhos e das caricaturas na imprensa e como esse ativismo possibilita reflexões e debates sobre racismo, gênero, política e representatividade social.

Para alcançar esse objetivo separa-se como material de análise deste estudo os projetos que trouxeram visibilidade para Jackie Ormes, a primeira quadrinista negra a ter seus quadrinhos publicados em um jornal. Através de seus trabalhos, Jackie traz reflexões sobre

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Imagem Imaginário, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação da UFMT. E-mail: contato.suzanaataide@gmail.com

racismo, gênero, política e como a sociedade foi desenvolvida dentro de uma estrutura desigual, opressora e discriminadora. Também analisamos trabalhos da primeira caricaturista do mundo: Nair de Teffé. Reconhecida por ser uma mulher além de seu tempo (AMARAL, 2007), suas caricaturas são críticas ao estilo de vida ostentação da elite nacional e políticos no início do século XX.

No sentido de identificar a interseccionalidade e ativismo presente nas obras dessas pioneiras, contextualiza-se o processo histórico sobre as primeiras manifestações de HQs, uma forma de entender como a linguagem visual tem sido significativa e pode ser utilizada para compartilhar ideias ativistas sobre problemáticas presentes na estrutura social. O estudo observa que o discurso de ativismo social, seja por questões políticas, sociais, econômicas, de gênero e raciais, sempre esteve presente durante o processo de evolução dos desenhos na imprensa, tornando-se assim uma das suas principais características (RADHE, 1996).

Os objetos de análise são dois projetos de pioneiras das artes visuais no jornalismo. O primeiro são as séries em quadrinhos “Torchy Brown” e “Torchy in Heartbeats”, de Jackie Ormes, publicadas entre 1937 e 1954. O segundo são as primeiras caricaturas de Nair de Teffé, publicadas entre 1906 e 1913. Esta análise desenvolve-se a partir de uma pesquisa bibliográfica sobre as obras para abordar a seguinte problemática de pesquisa: de que maneira a linguagem de desenhos na imprensa possibilita compartilhamentos de ideias e quebra de estereótipos sociais sobre racismo e gênero dentro de uma sociedade opressora?

A nosso ver, os quadrinhos possuem uma linguagem acessível para compartilhamento de ideias ativistas e de conscientização social. A linguagem imagética na imprensa, com suas especificidades de textos verbais e não-verbais, pode trazer diferentes discussões sociais. Quando voltada para uma problemática social dentro dos quadrinhos e das caricaturas, a crítica trabalha principalmente com o humor e a sátira, permitindo identificar alguns estereótipos na estrutura da sociedade e desenvolver discursos ativistas em prol de uma conscientização.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1. HISTÓRIA DOS QUADRINHOS**

Há muito tempo vários veículos no mundo publicam cartuns e ilustrações. No entanto, dentre as primeiras manifestações de desenhos sequenciais que chamamos hoje de HQs

destaca-se Ângelo Agostini, caricaturista que desenvolvia retratos satíricos de personagens da elite e da sociedade brasileira. Em 1869 ele publicou a primeira história em quadrinhos do país e também considerada a mais antiga no mundo, “Nhô Quim ou Impressões de uma Viagem à Corte”, publicada na revista A Vida Fluminense<sup>3</sup>. (VERGUEIRO, 2007).

O quadrinho narra a história de um personagem caipira que vai para a cidade do Rio de Janeiro e se choca com os costumes e a vida urbana da sociedade na época. A publicação deste quadrinho se tornou tão importante que sua data de publicação (30/01/1869) se tornou o dia nacional dos quadrinhos e assim Ângelo Agostini passou a ser considerado o pai dos quadrinhos nacionais. (VERGUEIRO, 2007).

Em 1895 o autor e ilustrador Richard Outcald criou uma narrativa em desenhos sequenciais baseada na história de um garoto que vivia nos guetos de Nova York, sempre vestido com um pijama amarelo. O projeto ficou reconhecido como o primeiro quadrinho em cores e foi publicado pela primeira vez no jornal “New York Word”<sup>4</sup>. (LUCCHETTI, 2001).

Com o passar dos anos as HQs se desenvolveram e na década de 1930 surgiram as histórias de super-heróis, como uma ferramenta para ajudar a criar um clima mais otimista na sociedade e substituir o peso da vida real pelo ficcional, tendo em vista a crise de 1929 (RADHE, 1996).

Voltando para a perspectiva nacional, os quadrinhos brasileiros também tiveram uma mãe, Nair de Teffé. Assim como Ângelo, ela também era caricaturista, sendo reconhecida como a primeira mulher caricaturista do mundo. No entanto, para que Nair publicasse seus quadrinhos nos jornais ela utilizava o pseudônimo de Rian, tendo em vista que na época a educação das mulheres era voltada somente para o casamento. Para a sociedade, temas como política, economia e demais assuntos sociais não eram de interesses femininos. Nair também não podia receber por suas obras, pois fazer dessa atividade fonte de renda era o maior sinônimo de independência financeira para as mulheres (AMARAL, 2007).

## 2.2. ATIVISMO SOCIAL NOS QUADRINHOS

---

<sup>3</sup> A Vida Fluminense foi uma revista brasileira de periodicidade semanal e ilustrada, publicada na cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 1868 e 1875. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/diversao/magazine/o-pai-do-quadrinho-no-brasil-1.251823>.

<sup>4</sup> New York World: Jornal estadunidense publicado entre 1862 a 1931.

Os quadrinhos, enquanto linguagem informativa visual, produzem discursos interpretativos conforme suas especificidades e utilizando de suas características verbais e não-verbais. Além do simples entretenimento, desde as primeiras manifestações trabalham-se também críticas sociais dentro das HQs, ou seja, através de seu formato de linguagem discute-se e reflete-se sobre racismo, gênero, política, representatividade, estrutura social etc. Assim, questões de ativismo e crítica social se tornaram uma importante característica para a formação e desenvolvimento das HQs durante sua trajetória, (RADHE, 1996). São formas de se trabalhar experiência, vivência social e também questões de protestos.

Os ativismos presentes nos quadrinhos, desde os pioneiros, contribuem para o compartilhamento de debates ativistas sobre a estrutura social e como ela se desenvolveu, abordando questões de gênero, raça, economia e política. Essa abordagem na produção pode se tornar uma importante ferramenta de debate, transformações, conhecimento e conscientização sobre estereótipos, como estão presentes na sociedade e como se reproduzem.

### **3. PIONERISMO E INTERSECCIONALIDADE NOS QUADRINHOS DE JACKIE ORMES**

#### **3.1. CONCEITO DE INTERSECCIONALIDADE E A PRIMEIRA QUADRINHISTA NEGRA**

Os estudos de interseccionalidade buscam identificar consequências estruturais e dinâmicas entre os eixos de subordinação social. Trata especificamente da forma como o racismo, o patriarcado, a opressão de classes sociais e outras maneiras discriminatórias dentro da sociedade podem gerar desigualdades que se sobrepõem nas estruturas de gênero, raça, etnia e classe dentre outras, sendo as mulheres negras as que mais são atravessadas pelas discriminações.

A interseccionalidade visa dar uma instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias e que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais. (AKOTIRENE, 2019, p. 19).

Outro ponto importante a se destacar no conceito de interseccionalidade, é o desenvolvimento de políticas e ações gerarem algum tipo de opressão de eixos distintos e excludentes. O racismo e o patriarcado, por exemplo, são diferentes, no entanto podem se

interligar criando uma complexa intersecção. “Nessa linha investigativa, o tema da mulher negra ganha centralidade e as reflexões sobre o feminismo negro passam a ter maior densidade e representatividade na América do Sul [...]” (GONZALEZ, 2020, p.12).

Desta forma para identificar a interseccionalidade presente nos projetos de Ormes, é importante saber quem foi Zelda Mavin Jackson, ou Jackie Ormes como ficou conhecida. Ela nasceu em 1911 na cidade de Pittsburgh, Pennsylvania, Estados Unidos. Em 1937 era jornalista e trabalhava no jornal semanal afro-americano Pittsburgh Courier, que tinha suas publicações todos os sábados e era um dos principais jornais negros dos Estados Unidos, publicado de 1907 a 1966 (GELÉDES, 2015).

Ormes começou a trabalhar no jornal como revisora, mas ocupou o espaço de quadrinhista. Dessa forma, ela se tornou a primeira mulher negra a produzir histórias em quadrinhos e para ela era fundamental vender seus quadrinhos destinados ao público negro, por isso a importância de publicar no jornal Pittsburgh Courier (GELÉDES, 2015).

Conforme Nogueira (2013) as representações dos negros em quadrinhos norte-americano existem desde o século XIX. Apesar de fazer parte desse meio de comunicação desde as suas primeiras produções, os negros só eram representados como personagens secundários e que muitas vezes só serviam para compor o fundo de cena.

Como simples figurantes, os negros eram representados, geralmente, de forma estereotipada. Olhos e bocas eram tão exagerados que chegavam a passar a impressão de estarem deformados. As meninas negras tinham, ainda, os cabelos representados como “molinhas”, muitas vezes arrepiados, outras vezes adornados com um laço. (NOGUEIRA, 2013, p. 23).

Desta forma entende-se que Jackie Ormes, com os seus primeiros quadrinhos publicados em 1937 no projeto “Torchy Brown”, quebra o padrão de figura do negro estereotipado. Ela também debate sobre questões de gênero, política, raça e representatividade, além de elaborar uma personagem que não reforça os estereótipos da mulher negra. Tendo em vista que a mulher negra em sociedade e em trabalhos desenvolvidos, não só em quadrinhos, é historicamente estereotipada socialmente, sexualizada, vista como empregada doméstica, deformada e fora dos padrões de beleza aceitos, (NEPOBUCENO, 2016).

### 3.2. PROJETO TORCHY BROWN

Como citado anteriormente, o projeto “Torchy Brown” estreou em 1937 no jornal Pittsburgh Courier, em que Jackie trabalhava, com o título “Torchy Brown in Dixie Harlem”. Os quadrinhos tiveram enorme repercussão, tendo sido distribuídos para mais 14 jornais, também voltados para o público negro, e espalhado por todo o país (NOGUEIRA, 2013). A jovem Torchy representa a primeira personagem negra independente que se tem notícia e o quadrinho gerou um total de 12 tirinhas publicadas entre 1937 a 1938.

De acordo com Trina Robbins (2001), na época existiam apenas três afro-americanos cartunistas que conseguiam romper estereótipos com relação à cor nos quadrinhos, todos os homens. Então, quando Jackie publicou o seu projeto, além de enfrentar a barreira da cor, também enfrentava as questões de gênero, pois poderia ter o seu trabalho recusado a qualquer momento simplesmente por ser mulher.

“Torchy Brown” conta a história de uma jovem negra do Mississippi que busca por estabilidade e novas oportunidades nas metrópoles do Norte. Ela chega em Nova York e vira cantora em um clube no Harlem (NOGUEIRA, 2013). Jackie utiliza o humor e a autenticidade da personagem como formas de refletir sobre a vida de quem sai do Sul para buscar novas oportunidades no Norte (ROBBINS, 2001).

O traço da personagem lembra sua própria autora, que passa a interagir com sua produção, não apenas colocando nela suas ideias e suas críticas, mas se personificando, apresentando uma nova mulher negra norte-americana, que não se intimida frente à sociedade, que não tem medo de expor seu pensamento e sua sensualidade (NOGUEIRA, p. 27, 2013).

Observa-se que Jackie Ormes ao criar a primeira personagem negra independente nos quadrinhos, sendo a primeira mulher negra a publicar um quadrinho, trouxe discussões e rompeu algumas das estruturas sociais, debatendo sobre questões de desigualdade social, representatividade, gênero, raça e política.

Em 1950 Jackie Ormes reinventa sua personagem com uma nova história em quadrinhos: “Torchy in Heartbeats”. Agora utilizando desenhos coloridos, a série é publicada no Chicago Defender, um jornal também voltado para o público negro. Nesta etapa observa-se que Jackie remodelou a personagem de menina ingênua que sai do Sul e vai para grande metrópole de Nova York, para uma personagem heroína (NOGUEIRA, 2013).

Esta nova personagem é uma enfermeira que vive aventuras e procura por um amor verdadeiro (NOGUEIRA, 2013). Nesta fase, Torchy Brown é uma mulher ainda mais independente e bonita. Este é também o momento em que Jackie expõe o seu talento para

moda e o empoderamento de um corpo negro, apresentando as mulheres negras que vão além dos estereótipos estabelecidos.

Torchy tem um relacionamento com um médico branco e juntos empreendem uma luta contra o racismo, lembrando que na época casamentos interraciais eram proibidos em boa parte do país, e também sobre outras questões como feminismo e poluição ambiental (NOGUEIRA, 2013), 40 anos antes do início das discussões públicas sobre aquecimento global e mudanças climáticas. Entende-se que se trata de uma história em quadrinhos que não só apresenta a busca pelo amor romântico, mas também questões de militâncias e sociais muito à frente de seu tempo.

A consciência política e social da personagem era um diferencial. Ormes abre espaço para discutir relações afetivas, sociais, políticas e ambientais, em uma tira estrelada por uma mulher negra, o que torna a sua personagem ainda mais rica, tendo em vista o contexto no qual foi concebida. (NOGUEIRA, 2013, p. 30).

Verifica-se que a partir dessa consciência política social Ormes, tanto como profissional, quanto seus personagens desenvolvidos ao longo dos anos, se refazem e trazem novas questões a serem debatidas e representadas nos quadrinhos.

#### QUADRINHO 1: Torchy in Heartbeats



Fonte Revista Geledés, 2015<sup>5</sup>.

Neste quadrinho 01 encontra-se a representação de uma mulher negra confiante e diferente dos estereótipos de mulher negra na sociedade e na mídia da época. Trata-se, portanto, de uma produção ousada no sentido de trazer mudanças e também discussões

<sup>5</sup> - Você está cansada Torchy, você está se desgastando procurando apenas o melhor emprego

- Sim, estou cansada mãe, mas estou tentando encontrar um futuro melhor, não apenas um emprego, (ORMES,1937, tradução nossa).

sociais, assim como militâncias e modernidades. É ousada também ao retratar uma mulher negra independente, de cabelos curtos e que se recusa a viver um papel secundário. Nepomuceno (2016) relata que no século XX, muitas mulheres negras se valeram apenas de trabalhos ligados à cozinha ou áreas afins. Buscar por algo além desse patamar era quase impossível de se imaginar. Sendo assim, quando Jackie ousou fazer algo diferente ela foi para além do imaginável.

Torchy é uma personagem que busca pelo amor romântico, mas prioriza o seu futuro profissional, trabalho, carreira, estudo e ainda se preocupa com questões sociais. Sendo assim observa-se que Jackie ao modificar o personagem amadurece ideias e continua rompendo hierarquias, descolonizando saberes estruturados e opressores sobre o que é ser mulher negra em uma sociedade machista e racista.

Neste sentido observam-se questões de interseccionalidade no projeto, não só pelo fato de apresentar debater sobre gênero, raça e classe social, mas também por apresentar como todos esses eixos de opressão afetam a mulher negra em vários níveis como perspectiva de futuro, relacionamentos, profissões, representatividade. Torchy, assim como Jack, precisa se esforçar duas vezes ou três vezes mais para conseguir seu espaço na sociedade.

#### **4. PIONERISMO E CARICATURAS DE NAIR DE TEFFÉ**

Nair de Teffé von Hoonholtz, também ficou conhecida por ser uma mulher além do seu tempo ao trabalhar questões de gênero nas suas produções de arte e cultura. Ela foi uma artista completa: cantora, atriz, pintora e pianista. Nasceu em 1886 e era filha de Antônio Luís von Hoonholtz, o Barão de Teffé, e de Maria Luísa Dodsworth. Ela também se tornou primeira dama do Brasil em 1913, ao se casar com o presidente Hermes da Fonseca.

Antes de se casar, contudo, Nair estudou na França por um longo período e voltou para o Brasil em 1906, quando renasceu como “Rian”, seu nome ao contrário. Produzindo caricaturas de personagens da sociedade, criticando o estilo de vida luxo de políticos, militares e elites "ela entendeu que podia utilizar as artes, ensinadas às garotas de elite como ela, para dizer o que pensava" (AMARAL, 2007, p. 07). Para isso ela utilizava de exageros como sátiras. Por mais que soubesse reproduzir perfeitamente seus representados, Nair fazia questão de desenhar seus personagens com algumas deformações.

Sua primeira publicação foi na revista Fon-Fon em 1906 e em seguida, ao decorrer dos anos, suas caricaturas foram reproduzidas em jornais como “Gazeta de Notícias” e “Gazeta

Petrópolis”. Em 1910 Nair publicou uma série de caricaturas na imprensa carioca em “Galeria das Elegâncias” e a “Galeria das Damas Aristocráticas”, (AMARAL, 2007). Observa-se que o intuito do seu trabalho era provocar risos e apresentar como a elite não é perfeita como se descrevem e como usufruem de dinheiro público para ostentar riquezas e uma vida de luxo. Desta forma nasce a primeira caricaturista do mundo, a mãe dos quadrinhos nacionais, como ficou reconhecida posteriormente.

Mesmo suas caricaturas fazendo sucesso dentro da sociedade, Nair não podia se identificar e nem receber por seu trabalho. Uma mulher sendo independente financeiramente na época era sinônimo de escândalo social, desacato e contra as normas morais da sociedade, tendo em vista que a maior preocupação de uma mulher na época tinha que ser somente conseguir um bom casamento e constituir uma família, ou seja, a mulher não podia se envolver com assuntos de política, muito menos criticar o seu modo de vida.

Suas publicações como Rian duraram até 1913, ano de seu casamento com o presidente da república. Apesar de Nair estudar arte, teatro e música na França ela não recebia apoio da família. Seu pai proibia sua maior paixão: o teatro. Após seu casamento, mesmo recebendo apoio do seu marido para continuar no ramo das artes, Nair não continuou com suas caricaturas, mas seguiu se envolvendo em trabalhos na área da arte e cultura, sendo um dos destaques na semana da arte moderna em 1922, (NOGUEIRA, 2011).

Nair também continuou a trabalhar questões de gênero através de seus trabalhos, mesmo com seus privilégios, sua riqueza e posição social. Através de suas exposições, ela desafiou o contexto histórico e os costumes da sociedade, debateu sobre feminismo, organizou manifestações e mobilizou muitas mulheres a lutar por seus direitos. Foi uma maneira de lutar contra o sexismo social e contra um dos eixos opressores sociedade: o patriarcado. Contudo, não se pode negar, também, que Nair era uma "menina prodígio, fruto de uma família aristocrática, criada como princesa, a quem as excentricidades eram perdoadas e justificadas" (NOGUEIRA, 2011, p. 12).

#### 4.1. CARICATURAS – HOMENS PRESOS E MULHERES LIVRES

No início Nair produzia suas caricaturas para rir das pessoas de quem não gostava. Sua primeira caricatura foi aos nove anos, retratando Madame Carrier, uma senhora idosa da alta sociedade que sempre visitava sua família. Dessa forma Nair foi se desenvolvendo na produção de arte, como uma menina rebelde que levou seu comportamento para dentro de

seus trabalhos, (NOGUEIRA, 2011). Aos poucos, suas caricaturas passaram a envolver críticas ao comportamento da elite brasileira, políticos e militares, sua vida boemia, de luxo e de ostentação. Mesmo com a repercussão positiva e as publicações na imprensa nacional, seu pai, o Barão de Teffé, não permitia que ela recebesse em troca de seus trabalhos e só permitiu as publicações com o pseudônimo de Rian.

Nair era uma militante em prol de direitos das mulheres, participava de reuniões com ativistas do movimento, organizava eventos e mobilizações para debater o sexismo presente na sociedade. Através de suas produções na arte, música e teatro com o teor feminista e o envolvimento em movimentos feministas na época, Nair foi reconhecida como uma mulher além do seu tempo, por lutar pelo direito da mulher ser livre para trabalhar, viver, escolher seu futuro e ser independente. Por conta desse pensamento e comportamento, e sendo um membro da alta sociedade, Nair provocou muitos comentários, olhares negativos e incômodos na elite brasileira da época. Observa-se que tais questões ativistas estiveram presentes em algumas de suas caricaturas de forma simbólica, ao representar as mulheres de forma livre e homens presos.

QUADRINHO 2: Madame Réjane



Fonte Itaú cultural – Enciclopédia, 2021.

QUADRINHO 3: O militar



Fonte Itaú cultural – Enciclopédia, 2021.

As mulheres em suas representações eram damas da alta sociedade, cobertas de luxos ostensivos tinham o exagero como principal característica, tanto de forma caricata quanto em questão de adereços da moda. Observa-se as mulheres ricas em forma material, mas também em expressão, elas têm movimento, sorrisos, agem e aparecem representadas em diferentes formas. A maioria de suas personagens madames, iguais às do quadrinho 2 foram publicadas na “Galeria das Elegâncias” e a “Galeria das Damas Aristocráticas”.

Enquanto que seus personagens masculinos eram representados de forma rígida e séria, sem movimento, pouca expressão e presos a regras maiores da sociedade que eles mesmos se colocavam. Dentre seus os assessórios representados destacam-se vestimentas da alta sociedade e armas como no quadrinho 3. Desta forma "o espírito perspicaz e criativo de Rian soube perfeitamente usar e abusar da noção completa de espelho: foi fiel na retratação da sociedade, mas com olhar crítico e criativo revelou seus tipos, suas damas, seus ideais e gostos burgueses" (NOGUEIRA, 2011, p. 10).

## 5. QUADRINHOS COMO DEBATE SOCIAL

A partir das duas pioneiras, seus respectivos trabalhos e experiência de vida, observam-se algumas questões de como o desenho na imprensa pode se tornar uma importante ferramenta de debate social, tendo em vista que a partir dessa ferramenta é possível debater interseccionalidade e os eixos opressores da sociedade como gênero, raça, classe, política e representação social. Desde as suas primeiras manifestações, “os quadrinhos têm como abarcar os modos desaplanados nos quais o pensamento se desdobra” (SOUSANIS, 2017, p. 66). De forma que a partir dele é possível trabalhar perspectivas diferentes das que estamos acostumados.

Os projetos de Jackie Ormes trouxeram reflexões de como utilizar os quadrinhos como ferramenta para trazer representatividade e debates sociais com personagens fora dos padrões sociais acostumados, um desaplanar, ou olhar de outras perspectivas, (SOUSANIS, 2017) numa produção de 1937 que apresenta uma crítica a um sistema opressor debatido por autoras como González nas décadas de 1970 e 1980 e Akotirene na segunda década dos anos 2000. Como diz a primeira: “a situação das mulheres amefricanas resulta de processos históricos e contemporâneos de opressões interseccionais” (GONZALEZ, 2020, p. 16). Durante a análise do quadrinho 1 apresenta-se questões de como estereótipos e preconceitos sociais atingem as

mulheres negras, quando Ormes aborda episódios de racismo, gênero, classe e falta de representatividade.

Os Estados-Nações precisam reconhecer, monitorar e apresentar soluções para a discriminação interseccional sob o risco de infringirem os acordos mundialmente estabelecidos [...]. Enfrentar o desempoderamento imposto ao Sul Global, prestando atenção à subordinação interseccional e as estratégias partidas da periferia para o centro. (AKOTIRENE, 2019, p. 42).

Ormes desenvolveu uma produção singular e de experiência pessoal, trabalhando de forma descentralizada, de maneira que o personagem Torchy não é apenas um quadrinho, é uma prática social a partir de experiências da própria autora para quebrar silêncios.

Mesmo com seus devidos privilégios de elite, Nair de Teffé ousou apresentar seus pensamentos feministas através de seus trabalhos e dos movimentos ativistas organizados por ela. Uma maneira de trabalhar em prol do que acreditava, uma liberdade para as mulheres viverem de forma independente, terem seus direitos e viverem suas vidas livres do sexismo.

Nair também foi política ao expor a sociedade elitizada imperfeita e boêmia como realmente era, isso de forma a provocar risos. Mesmo fazendo parte da elite, ela expunha seu pensamento ativista diferente os criticando várias vezes através de suas ações, seja com desenhos de caricaturas na imprensa ou exposição de arte em galerias, lugares e produtos, inclusive, consumidos pela elite brasileira.

Uma mulher rebelde que da sua maneira, trabalhando como Rian ou Nair, provocou ideias e levantou críticas de como era a sociedade brasileira na época, o que era sexismo, os problemas de gênero presentes na estrutura social e como isso afetava a liberdade da mulher, a ponto de ela precisar usar um pseudônimo masculino para poder ter seus trabalhos mais críticos publicados.

De maneiras diferentes, uma com privilégios e a outra não, as duas pioneiras ousaram trazer suas formas de pensar através dos quadrinhos, trabalhando com debates sociais necessários e pensamentos ativistas ainda possíveis de se abordar até os dias atuais. Uma forma de pensar fora dos padrões vigentes, um desaplanar (SOUSANIS, 2017), tendo em vista que os quadrinhos apresentam um outro ponto de vista da sociedade a partir de olhares periféricos como da Jackie Ormes e centrais como de Nair de Teffé em relação a questões de gênero.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os pontos iniciais a se considerar neste estudo é que mesmo as temáticas abordadas sendo no século XX elas também se aplicam à realidade atual. Ou seja, ainda é necessário levantar discussões sobre racismo, estereótipos da mulher negra na sociedade, questões de gênero, política, sexismo, direitos da mulher, questões de classe social e representatividade, de que forma todos esses eixos opressores estão presentes na estrutura social e vêm sendo questionados há anos, não só por quadrinistas, mas teóricos, pesquisas científicas, dentre outros modos.

Apresenta-se como a sociedade foi formada e colonizada em cima desses ideais opressores e atualmente ainda se reproduzem estereótipos opressores sobre questões como raça, gênero e classe social. Por meio dos projetos analisados, reforçamos o reconhecimento que tais mulheres não receberam na primeira metade do século XX devido a um sistema social opressivo que apaga as histórias de mulheres, independente dos privilégios ou de sua falta.

Entende-se que apesar da importância social de materiais desenvolvidos por pessoas negras para pessoas negras serem significativos, há um apagamento histórico. Jackie fez um papel social fundamental ao trabalhar com representatividade negra dentro de uma sociedade opressora. No entanto só foi reconhecida como primeira mulher negra a produzir e publicar quadrinhos após a sua morte. E seu trabalho só foi publicado após muitas tentativas profissionais e desafiadoras por ser mulher e também ser negra.

É nesse sentido que se observa o ativismo presente nos quadrinhos de Ormes, ao compartilhar, informação, representatividade e problemáticas sociais através de uma linguagem mais acessível e democrática. Tendo em vista que a linguagem imagética trabalhada nestes projetos produz conscientização no sentido de debater sobre independência feminina no século XX, representatividade da mulher negra dentro de jornais, construções de personagens femininos negros como protagonistas de uma história e não como secundário ou ocupando fundo e também traz debates sobre problemas raciais, de gênero e estruturas sociais opressoras interseccionais.

Com Nair de Teffé já se tem uma perspectiva diferente, mas um ativismo pioneiro importante para o movimento. Era uma mulher rebelde e de elite, que teve seus trabalhos assinados com pseudônimo masculino para que fossem publicados e assim expor suas ideias ativistas. Essa era a sua maneira de lutar pelo que acreditava e desafiar uma opressão que sofria, a de gênero, e da mesma forma criticar a vida de elite que vivia.

Desta maneira, observou-se que através da linguagem visual e textual foi possível produzir quadrinhos e caricaturas ativistas para debater sobre os estereótipos que a sociedade possui em sua estrutura e a importância da representatividade. Sendo assim a linguagem visual dos desenhos na imprensa possibilita um compartilhamento de conhecimento e conscientização, através de meios textuais ou não-textuais.

Ao trabalhar com questões de representatividade e conscientização na sociedade os quadrinhos e caricaturas exercem a função de uma ferramenta democrática e inclusiva, como um processo de desconstrução e descolonização da sociedade, trazendo novos parâmetros, debates e reflexões sobre feminismo, a estrutura social e o conceito de interseccionalidade.

## 7. REFERÊNCIAS

AMARAL, Solange Melo do. **Discurso autobiográfico: o caso de Nair de Teffé.** – Rio de Janeiro - RJ: Editora Museu da República, 2007.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade.** São Paulo - SP: Editora Pólen, 2019.

GONZÁLEZ, Lélia. **Por um feminismo Afro Latino Americano.** Rio de Janeiro - RJ: Editora Zahar. 2020.

LUCCHETTI, Marco Aurélio. **O menino amarelo: O nascimento das histórias em quadrinhos.** São Paulo – SP: REVISTA OLHAR. Ano 03. N 5-6. Jan-dez/2001.

**MULHERES negras nos quadrinhos: Jackie Ormes, você não conhece? Mas deveria.** Portal Gelédes, 20/03/2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-nos-quadrinhos-jackie-ormes-voce-nao-conhece-mas-deveria/>. Acesso em: 25/06/2021.

NEPOMUCENO, B. Protagonismo ignorado, IN: PINSKY, C. B.; PEDRO, J.M. **Nova História das Mulheres no Brasil.** [S.I.], São Paulo – SP: Editora contexto, p. 382 - 409, 2016.

NOGUEIRA, Natania. **Jackie Ormes: A ousadia e o talento da mulher negra nos quadrinhos norte-americanos (1937- 1954).** São Leopoldo – RS. Revista Identidade! V 18, nº 1, p. 21-38 | jan-jun. 2013 | ISSN 2178-0437X, 2013.

NOGUEIRA, Natania. **Rian: Caricatura e pioneirismo feminino no Brasil.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo - SP, julho 2011.

RADHE, Maria Beatriz. **Origem e evolução da história em quadrinhos.** Porto Alegre - RS Revista FAMECOS, N°5, 1996.

ROBBINS, Trina. **The Great Women Cartoonists**. New York - EUA: Ed. Watson-Guption Publications, ISBN 082302170X, 2001.

SOUSANIS, Nick. **Desaplanar**. São Paulo – SP. Editora: Veneta. 2017.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Panorama das histórias em quadrinhos no Brasil**. São Paulo – SP, Editora: Peirópolis. ECA-USP, 2017.